

OBSERVATÓRIO DO TRABALHO E DAS POLÍTICAS SOCIAIS PARA O INFANTOJUVENIL: FOCANDO O SCFV E AS MICRORREDES - 2022

Coordenador: Laura Souza Fonseca

Entre 2020 e o início de 2022, em atividade remota, o Grupo Trabalho e Formação Humana estudou "condições de vida" olhando os territórios onde estão a escola e o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos nos quais extensionamos. Estudamos o tema, observando notícias da comunidade e das instituições. Levantamos questões sobre a pandemia e o trabalho remoto, dialogamos com a professora e o educador social, referências nas ações de extensão. Neste 2022, retomamos o diálogo com as duas referências citadas para compormos uma síntese a partir do estudo na universidade e do saber feito da experiência na comunidade. Esta é a base material de nossa tertúlia, retomando o trabalho de campo com uma nova equipe de estudantes bolsistas. Quanto à rotina das ações extensionistas, como na pesquisa e no ensino, temos o materialismo histórico-dialético como base teórico-metodológica. Consideramos, por exemplo, a dupla face do trabalho - ontologia e história. A face ontológica, nos leva a defender que cada crianças e adolescentes precisam comprometer-se com o cuidado dos espaços de convivência/casa, abrigo, escola, serviço de convivência... porque compõem a formação do ser social - como valor de uso, é um princípio educativo a ser fortalecido. Já a face histórica, o modo capitalista de produção e reprodução da vida, traduzida como superexploração e alienação, agravada pelo recrudescimento das opressões, faz-se necessário darmos o permanente combate. Embasamento que nos indica a defesa do trabalho como princípio educativo e a inviabilidade histórica de aventarmos a erradicação do trabalho explorado de crianças e adolescentes, enquanto vivermos numa sociedade baseada na exploração do trabalho pelo capital. Reivindicamos a indissociabilidade extensão-pesquisa-ensino, assegurando que as concepções e práticas emanadas da produção acadêmica tenham como alicerce conhecimentos e experiências sintetizados entre a universidade e o chão dos territórios. Nas oficinas, mantemos a observação participante, olhando as rotinas como sujeito do processo com as crianças e os adolescentes, apreendendo junto. Vemos as pessoas como sujeitos sociais, e não como objetos da extensão, nos movemos por permanente de troca de saberes. Buscamos indícios de trabalho infantojuvenil explorado e outras formas de violação de direitos, como as opressões de gênero, raça, sexualidade e lugar de origem. Compreendemos que a academia não resolve os problemas das pessoas com práticas pedagógicas porque essas violações são estruturantes do capitalismo,

objetivamos refletir coletivamente sobre as violações de direitos que permeiam o território. A partir das ideias expostas, fica latente a importância de refletirmos sobre as condições de vida, causa/consequência das desigualdades sociais. Fazer tais questionamentos nos mostra ser essencial estudar as condições necessárias a uma vida plena e saudável, pois esta consciência perpassa toda nossa prática como extensionista.